

# As Antas de Portugal

Nomes populares, regionais e locais; influência exercida  
na Toponímia; aproveitamento utilitário; cristianização;  
tradições e lendas.

Por

LUÍS CHAVES

Do Museu Etnológico

## I

O Dr. Leite de Vasconcelos, no vol. IV de *Religiões da Lusitania* <sup>(1)</sup>, o Dr. Aristides de Amorim Girão, em *Antiguidades Pre-Históricas de Lafões* <sup>(2)</sup>, e o P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, «Abade de Baçal», no vol. IX, de *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* <sup>(3)</sup>, e não sei ao presente se me esqueço de outros, aludiram aos vários nomes regionais das «Antas» <sup>(4)</sup>. Os dois últimos formaram relação dos nomes da respectiva região estudada; o «Abade de Baçal», porque a região foi maior, pois abrangeu todo o Distrito de Bragança, relacionou os nomes, a par dos de outros monumentos pre-históricos, dando-no-los por concelhos, freguesias e lugares dentro destas <sup>(5)</sup>.

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I, em diversos lugares do volume, que o «Índice» geral aponta, e principalmente de págs. 251 em diante. Lisboa, 1897.

(2) Aristides de Amorim Girão, *Antig.<sup>es</sup> Pre-históricas de Lafões*, a págs. 31-32 a lista dos monumentos desta espécie, com notícias desenvolvidas nas seguintes. Coimbra, 1921.

(3) P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, *Memórias Arq.<sup>o</sup>-Históricas do Distrito de Bragança, Arqueologia, História e Etnografia*, vol. IX, págs. 556 e ss. com o Mapa referido acima. Porto, 1934.

(4) Mencionem-se os artigos de Vergílio Correia: *As Antas*, em «Ilustração Portuguesa», de Lisboa, n.º 369, de 17 de Março de 1913, e em «Terra Portuguesa», vol. III, Lisboa, 1917, págs. 171.

(5) P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, *Memórias*, pág. 565 e ss.

Parece-me útil, para esclarecimento geral, reunir num corpo único estes nomes populares; e, não menos proveitoso, acompanhá-los das correspondentes localizações. Muitos deles representam-se na Toponímia portuguesa, ora abrangendo região mais ou menos extensa e hoje ou noutros tempos confinada, ora restringindo-se a determinado local, povoação rural ou vila de importância administrativa e social.

Por este motivo, acrescentar-se-á lista de povoações e sítios, cujo nome proveio das Antas e suas designações populares. Acontece que alguns destes topónimos representam nomes já caídos em desuso local; outros, desde que o nome do monumento pode ser aplicável ao que não designaria exclusivamente a anta, admite-se que nem sempre se relacionem com ela; e aparecem nomes, cuja composição leva a crer que lhe correspondam, embora a designação local os não reconheça ou use actualmente, nada porém negando que tenham tido curso vulgar.

Andam ligadas a estes monumentos superstições, práticas e crendices. Alguns têm sido utilizados com variados destinos, desde o de abrigo de gente e de gado, arrecadação de alfaia agrícola, até à transformação e adaptação a memórias e templos católicos; como também, por efeito de cristianização do monumento ou do local de um ou mais monumentos, andam as Antas ligadas a factos de culto com suas invocações locais e à Toponímia local e regional.

Em virtude de tais considerações, dividir-se-á o assunto desta nota por três capítulos: — da nomenclatura popular das Antas: — da influência que essa nomenclatura variada teve no campo da Toponímia; — das crenças, superstições, costumes, práticas e utilização, que esses monumentos tiveram.

## II

Os nomes populares dos Dolmens variam de província para província, por vezes de região para região, e entre lugares próximos, dentro da mesma província e região. A palavra «Anta» (do lat. «antae», termo architectónico, aplicado a uma forma architectural, ainda que rude e arcaica) deve ter sido a designação geral destes monumentos, como o notou o Dr. Leite de Vasconcelos: este nome domina no Alentejo, e não é aí conhecido outro,

a menos por excepção; para o Centro e Norte, pelo contrário, os nomes são outros, embora prevaleça na Toponímia o de «Anta», e seu diminutivo «Antela» com o aumentativo «Antão», por via de regra no plural («Antões»), sem deixar de esporadicamente continuar o nome de «Anta», que, se por um lado foi geral, por outro se manterá porventura em consequência da tradição ou de via erudita.

Segue-se o rol dos nomes; podem faltar alguns, por não terem ainda chegado à colheita dos arqueólogos, de tão locais que sejam, ou por falta de notícia, e ainda por minha culpa, a de os não ter anotado.

«Altar» — (do lat. «altar»), procedente da sugestão da forma, por semelhança; em algum caso pode vir da influência erudita de quem tenha classificado as antas, ou de alguma anta determinada, como «altar dos druidas», à maneira antiga e ultrapassada pela Arqueologia moderna. Aparece em formas compostas: «Anta de Altar» (repare-se na sobreposição dos conceitos), «Altar de Vale de Fachas», na Beira Alta, «Mamaltar» («Mama do Altar» ou «Mama + Altar»), na Beira Baixa, «Pedra de Altar» ou «do Altar», na Beira Alta.

«Anta» <sup>(6)</sup> — (do lat. «antae»), nome geral no Alentejo, mais ou menos frequente na Beira Alta, Beira Baixa, Trás-os-Montes: aparece o nome simples ou em forma composta: «Pedra d'Anta», «Penedo das Antas», «Anta dos Padrões», «Vale de Anta» e «Vale de Antas», etc.

«Antão» — aument. de «Anta»: na Toponímia «Antões».

«Ante» — forma pop. de «Anta» por abrandamento do «a» final em formas compostas: «Penedante» («Penedo d'Ante»), «Pedra Dante» («Pedra d'Ante»), «Touça Dante»; as primeiras em Trás-os-Montes, a última no Douro Litoral (topónimo) por Penedo d'Anta, Pedra d'Anta, etc.

«Antela» — (do lat. «antella»), diminutivo de «Anta», e no plural «Antelas» na Toponímia.

«Antaínha» & «Antoínha» — outras formas diminutivas de «Anta»: Minho e Beira Litoral.

(6) Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, I, 252, n. 1: Lembra que Salomon Reinach não aceitou que o voc. «Anta» proviesse do lat. «Antae» (*Templum antis*); nota que, já no séc. XVIII, Viterbo tivesse dado à palavra o étimo de «Antae»; e aceita-o por legítimo.

«Arca» — (do latim «arca»), nome corrente na província de Trás-os-Montes; raro nas outras; provém talvez da confusão com as «arcas d'água» ou de sugestão delas; nomes simples, no singular e no plural, e nomes compostos, como «Fraga das Arcas», «Pena de Arcas», «Vale de Arcas», no Distrito de Bragança.

«Arcaíinha» — diminut. de «Arca»: Beira Alta.

«Arcal» — talvez aumentativo de «Arca»: usado no plural («Arcais») em Trás-os-Montes.

«Arcanha» — pronúncia popular de «Arcaíinha»: Trás-os-Montes.

«Arcão» — aumentativo de «Arca»: Minho e Beira Alta.

«Arcela» — (do lat. «arcella»): diminutivo de «Arca»: Minho e Douro Litoral.

«Arcelo» — forma paralela de «Arcela» (comparar: «Arca»-«Arcão» e «Arcela»-«Arcelo»).

«Arquinha» — diminutivo de «Arca», nos lugares onde é usada a forma primitiva.

«Casa» — (do lat. «casa», choupana), nome comum às antas e às lapas, covas, etc., por toda a parte atribuídas aos Mouros por suas vivendas de encantamento: «Casa da Moura», etc. — «Casarelo» — casa pequena, e, no plural, «Casarelos»: no Distrito de Bragança.

«Cova» — (do baixo lat. «coph»), buraco, fosso, cavidade: deu-se o mesmo fenómeno de interpretação que em «Casa»: «Cova da Moura», etc.

«Covelo» — cova pequena.

«Forno» — (do lat. «furnus» e «fornus»), por semelhança construtiva com os fornos de olaria e tejlaria, isolados das construções de habitação: Douro Litoral.

«Fundo» — (do lat. «fundus»), fundo, cova funda ou região — zona? — Trás-os-Montes.

«Lagar» — nome adoptado por sugestão de capacidade e imagem dos lagares de vinho e azeite: Distrito de Bragança. De «lago».

«Lagarão» — grande lagar, anta grande: Distrito de Bragança.

«Lagareta» & «Lagariça» — diminutivos correspondentes; antas menores: na mesma região trasmontana.

«Lapa» — (do gr. «lapados», Diez, ou pré-célt. «lappa», «pedra», Hubschmied), rochedo; a «Anta», formada pelos esteios e coberta pela

mesa ou chapéu, sugeriu a imagem da «Lapa» cavada na pedra <sup>(7)</sup>; o nome anda, como as «Covas» e os «Fornos», associado a Mouros e Mouras: «Lapa da Moura» (Bragança), «Lapa dos Mouros» (Gontinhães: Caminha); ou a entidades de origem local, com designações também locais, variadas e privativas, e de feição psicológica, também comum, como a de «Lapa da Orca» ou «Lapa d'Orca» (Beira Baixa; Torrão: Marco de Canaveses), onde o termo «Orca», aplicado ao dolmen, passou a designar mítica personagem, habitante do monumento misterioso. Ver «Orca».

«Madorra» — com as suas formas populares, paralelas, «Medorra», «Modorra» e «Mudura» (será «Mudurra»?) <sup>(8)</sup>, com os diminutivos correspondentes: «Madorrinha» e «Medorrinha». «Madorra» significou:—«Monte de pedras miudas, ou cascalho», — Viterbo, *Elucidario* (cita documento do Tombo de Castro de Avelãs, no concelho de Bragança, de 1501) <sup>(9)</sup>; aplicar-se-ia por semelhança ao montão de pedras graúdas da «Anta», inteira ou em amontoados de ruínas. «Antigo monte de pedras, ou cascalho», repetiu Morais no seu *Diccionario* <sup>(10)</sup>. Mantém-se no Distrito de Bragança, e aparece na Beira Baixa e no Minho.

«Mamaltar» — ver «Anta»: «Mama» + «Altar»; o nome abrange a «Anta» e a «Mamôa», que a envolve ou envolveu: Vale das Fachas, Viseu.

«Mamôa» — (do lat. «mammula», dim. de «mamma») e suas formas paralelas, diferenciadas pela pronúncia popular, que são: «Mámoa» e «Meimôa»; os aumentativos «Mamão» com «Meimão» e «Mamona», e os diminutivos «Mamoela», «Mamoinha» e «Mamunha» (alteração fonética de «Mamoinha»); lê-se no *Elucidario*: «Mamôa»: Assim chamarão metaforicamente hum pequeno monte, collina ou proeminencia da terra, de figura arredondada, e com semelhança do peito mulheril, que os Latinos

<sup>(7)</sup> O topónimo «Lapa» nem sempre corresponde ao nome local de «Anta»; o mesmo acontece com os de «Casa» e «Cova»; todavia, se uns e outros são aplicados a cavidades na rocha, muitos deles estão identificados nos lugares onde designam as «Antas». Há «Lapas de Mouras» e «Lapas de Orcas», que são «Antas».

<sup>(8)</sup> Franc. Manuel Alves, *Memórias Hist.-Arq.*, vol. IX, pág. 570.

<sup>(9)</sup> Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal, antigamente se usáram, e que hoje regularmente se ignorão*: Lisboa, 1798: s. v. «Modorra» (vol. II, pág. 143, 2.<sup>a</sup> col.).

<sup>(10)</sup> Antonio de Moraes e Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1823: s. v. «Modorra» (vol. II, 260, 1.<sup>a</sup> c.).

disserão *mamma*... Em hum (documento) de Santo Thyrso de 1289 se diz *Mamûa*. Desde o IX até o Seculo XII. se escreverão em Portugal, e Hespanha muitos Doc., em que as *Mamóas*, ou *Mamûas* se dizem *Mamólas*, segundo o Latim daquelles tempos; declarando-se em alguns que o mesmo são *Mamóas* que *Arcas*... E tais eram as *Arcas*, ou montes de terra com que os nossos maiores algumas vezes dividirão os territorios...» (11). Desta forma «Mamúa» derivaria «Mamuínha» e «Mamunha». Também Morais faz derivar «Mamúa» de «Mamóa», certamente na forma «Mamôa» (12). O nome abrange o conjunto da «Anta» e do seu tapamento protector, mas applica-se igualmente na expressão popular à parte deste todo, constituído pela construção ou estrutura da «Anta». Usa-se em Trás-os-Montes, Minho, Douro Litoral, Beiras Alta, Baixa e Litoral.

«Marouço» e «Morouço», «Maroço» e «Meroço» — Morais define: «monte de seixos, como se põe nas Cruzes das estradas, por memoria de algum successo» (13). Corresponde aos «Fiéis de Deus» (14) e anda assim o nome emparelhado, na interpretação popular, com «Madorra», «Mêda» e «Monte»: Beira Alta, Viseu.

«Mêda» — (do lat. «meta»), monte de pedras; de monte de trigo na eira a monte de qualquer coisa, e «meda de ossos» (Morais) (15): Trás-os-Montes: «Medas altas» e «Medas» (Castanheira) no conc. de Mogadouro.

«Monte» & o aumentativo «Montilhão» — (do lat. «mons»), seja o monte de pedras, quanda a «Anta» não tenha cobertura de terra, ou a «Mamoa» juntamente com a Anta: Trás-os-Montes.

«Moimento», de «Monumento» & «Moimenta» (do lat. pl. «monimenta»): — nome dado a «Antas» e fixado na Toponímia de lugares, aldeias e povoações maiores: «Moimenta» na Beira Alta e na Beira Baixa; de uma forma geral, aventa o Dr. Leite de Vasconcelos que este nome indique existência de «Antas», embora hoje desaparecidas (16); os diminutivos, que aparecem na Beira, provirão talvez de pequenos monumentos desta espécie,

(11) Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Mamóa» (v. II, p. 109, 1.ª/2.ª c.).

(12) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Mamôa» (v. II, p. 200-201).

(13) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Morouço» (v. II, p. 271, 1.ª c.).

(14) Leite de Vasconcellos, *Opusculos*, vol. V, Lisboa, 1938, p. 607, e ss. e *Religiões*, I, p. 315.

(15) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Meda» (v. II, p. 227, 1.ª c.).

(16) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, da Lusit., vol. I, p. 257, n. 4.

assim apontados no Onomástico. A palavra «Moimento» significou sepultura (*Elucidario*)<sup>(17)</sup>, «mausoléu ou sepultura nobre» (Morais)<sup>(18)</sup>. Junto de Mangualde (Beira Alta) há o lugar de Moimenta, em cujas proximidades houve um dolmen. Provenham ou não os nomes tópicos da vizinhança de antas, as povoações com o nome de «Moimenta» espalham-se pelo Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral, Beiras, ora singelo, ora composto: «Moimenta da Beira», «Moimenta da Serra», «Moimenta do Douro», «Moimenta de Macieira», Moimenta Velha», etc. Há «Moimentinha» em vários lugares da Beira Alta.

«Orca» — (do lat. «orca»): — «Grande vaso de barro em forma de *pithos* ou *dolium*, mas de estrutura ainda não identificada, que, pelas dimensões, servia para salmouras e guarda de conserva para peixe seco, figos, vinho e ainda outros produtos como alvaiade»<sup>(19)</sup>; de nome comum passou também a designar mítico habitador; a par de «Orca dos Padrões», «Orca dos Palheiros», e similares, com alusão à forma de construção e de lugar ou utilização, há «Casa da Orca» («Casa de Orca» ou «Casa d'Orca»), «Lapa da Orca», «Pedra da Orca», e, por sobreposição, «Orca das Orcas»<sup>(20)</sup>: Beira Alta e Beira Baixa.

«Orcaíinha» e «Orquinha» — dimin. de «Orca»: na zona do nome.

«Padrão» e pl. «Padrões» — (de «Pedrão», do lat. «petra»): «Pedrão», pedra grande, o conjunto da anta; «Anta dos Padrões» (Mangualde); «Antela da Mamoinha do Senhor do Pedrão» (Ver Cap. IV), na região de Lafões.

«Pala» — nome aplicado por associação de pedra horizontalizada sobre outras, que a suportam; designa o abrigo na rocha, aberto, com pedra avançada, superior, para o resguardo; Sul do Distrito de Bragança: «Pala de Mouro», «Pala da Moura»<sup>(21)</sup>.

(17) Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Moimento» (v. II, p. 145, 2.<sup>a</sup> c.).

(18) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Moimento» (v. II, p. 261, 2.<sup>a</sup> c.).

(19) E. Pottier, in Saglio & Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, s. v. «Orca», vol. IV, 1.<sup>a</sup> Parte. — «Grande vaso de barro, espécie de talha de vinho»: F. R. Santos Saraiva, *Novissimo Diccionario: Latim-Portuguez*, Rio de Janeiro, s/d s. v. «Orca».

(20) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, v. I, p. 253 e 258.

(21) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, v. I, p. 257, texto e n. 2. — *Pala da Moura*: «O Archeologo Portuguez», vol. I, p. 107-108.

«Pedra» — (do lat. «petra»): a pedra formada pelo todo da «Anta» ou pela parte conservada de pé; «Pedras Alçadas», «Pedralta» («Pedra + Alta»), «Pedra do Altar» (Cfr. «Altar») e «Pedra da Anta»: nomes conservados na Toponímia: Beira Alta, Beira Baixa e Minho; «Pedra de Arca»: Beira Alta; «Pedra da Orca» (Vid. «Orca»), na Beira Baixa; «Pedra da Moura» (Macieira de Cambra) e «Pedra dos Mouros», na Estremadura (Belas, conc. de Sintra).

«Pedrão» — Vid. «Padrão».

«Penedos» — a par de «Padrão», «Pedra» e «Pedrão»: «Penedos Altos»; e associado o nome às «Antas», que os formam: «Penedos das Antas» ou «d'Antas», «Penedante» («Penedo de Anta» ou «d'Anta»); às «Arcas» e «Arquinhas»: «Penedos das Arcas», «Penedo d'Arquinha»: Minho (Vila Verde) e Trás-os-Montes (Alfândega da Fé); «Penedo do Com» («Com»? : Cão?), na Beira Alta (Penalva do Castelo).

«Sepultura» — (do lat. «sepultura»): associação do monumento ao uso sepulcral; «Sepultura dos Mouros» (Figueira da Foz), «Sepultura de S. Torpes» (em Sines), cristianizada (Ver Cap. IV), «Sepultura de Mouros» <sup>(22)</sup>.

«Tumbe», «Túmbia» («Tumbeiro»?), «Tumbeirinho», «Tumbiadouro»: («Túmbaro?»), «Tômbaro» e «Tombeirinho» («Tombeiro» de per-meio?) — (do lat. «tumba» e deriv. «tumbarius» e «tombarius»): formas populares de «Tumba» e «Tumbeirinho»: no sul do Distrito de Bragança.

«Touça» — nome procedente da forma redonda da cabeça? Morais dá por significado para «Touça» «o pé do castanheiro, donde sahem as varas de que se fazem arcos» <sup>(23)</sup>. Relacionar-se-á por sugestão a forma da «Anta» e sua mamôa, arredondada, com a dos arcos das varas do castanheiro? Ou o «Abade de Baçal» teria escrito «Touca», e é da composição tipográfica a troca do «c» por «ç»? Compreender-se-ia porventura melhor a sugestão da «Touca» de pôr na cabeça e tomar a forma dela. Se relacionarmos este nome com o imediato — «Toutiço» —, somos talvez levados a crer no erro tipográfico: Trás-os-Montes. Ou será «Touta»?

<sup>(22)</sup> Santos Rocha, *Antiguidades do Concelho da Figueira*, vol. I, pág. V.

<sup>(23)</sup> P.º Francisco M. Alves, «Abade de Baçal», *Memórias Hist.-Arqueol.*, v. IX, p. 574.



«Touço» — de «Touta»: cabeça (Morais); «Touço» «a parte trazeira e inferior da cabeça» (Morais) (24), e, por extensão vulgar, toda a cabeça: Trás-os-Montes (Montalegre).

«Tulha» — «O monte de pães, e grãos, castanhas, nozes, arroz, que está no celleiro, em divisões talvez» (Morais) (25); coloquemos este nome ao lado de «Marouço», «Mêda» e «Monte». Trás-os-Montes (Bragança).

«Urna» — (do lat. «urna»): «Vaso onde se guardavão as cinzas dos mortos . . .» (Morais) (26); sugestão da forma e do nêgrume da câmara da «Anta»: Beira Baixa (Fundão).

### III

Vamos encontrar estes nomes, na sua maioria, como termos toponímicos, bem como outros, que, pela formação, parecerá deduzir-se que estão no lugar a referenciar os monumentos desta espécie («Antadega», «Antanol», «Antemil»). Outros topónimos, como «Arcã» («Arcão» - «Arcã?»), teriam origem idêntica; este, não mencionado na lista anterior, e poderia ficar aí, está para «Arca», exactamente como «Antão» - «Antões» para «Anta».

«Anta» — em Trás-os-Montes: povoações nos concelhos de Mondim de Basto e Sabrosa; lugares nos de Bragança (freg. de Pereiro) e Mirandela (freg. de Barcel, Navalho e Pai Torto); — Minho: nos de Caminha, Famalicão e Ponte de Lima; — Douro Litoral: no da Maia.

«Antas» — em Trás-os-Montes: lugares nos conc. de Bragança (freg. de Luzelos), Miranda (freg. de Póvoa e de S. Pedro da Silva), Vimioso (freg. de Vilar Seco) e Vinhais (freg. de Pinheiro Velho); — Minho: pov. nos concelhos de Arcos de Valdevez, Esposende, Famalicão, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Valença; — Douro Litoral: Porto, «Antas» ou «Vale das Antas» (hoje dentro da

(24) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Touta»: «Touço, Cabeça» (v. II, p. 779, 1.ª c.), e «Touça»: «o pé do castanheiro, donde sahem as varas de que se fazem arcos» (v. II, p. 778, 1.ª c.).

(25) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Tulha» (v. II, p. 807, 1.ª c.).

(26) Moraes, *Diccionario*, s. v. «Urna» (v. II, p. 814, 1.ª c.).

Cidade) <sup>(27)</sup>;— Beira Alta: conc. de Oliveira de Frades (Quetriz) e de S. João da Pesqueira;— Beira Baixa: conc. de Seia;— Estremadura: conc. de Alenquer, Caldas da Rainha (duas povoações com o mesmo nome) e Mafra. — «As Antas» é o nome de um lugar, próximo de Pau Gordo (Cascais).

Em nomes compostos:— Beira Alta: «Antas de Baixo», «Antas do Meio», «Antas de Cima», concelho de S. João de Areias; «Antas de Penalva», conc. de Penalva do Castelo; «Antas de Penedono», conc. de Penedono; «Antas do Ventoso», conc. de Vouzela; «Anta-Cal», «Anta-Cova», «Anta-Nova», «Anta-Velha» (Leite de Vasconcellos) <sup>(28)</sup>;— Trás-os-Montes: «Cabeça da Anta» (lug. no conc. de Bragança, freg. de Coelhoso), «Cabeço da Anta», conc. de Bragança e de Macedo de Cavaleiros; «Cunca da Anta», conc. de Bragança (freg. de Parada de Infanções), «Lameiro da Anta», conc. de Bragança (freg. de Coelhoso e de Paredes), «Pereira de Anta», conc. de Mirandela (freg. de Mascarenhas), «Pais de Antas», no mesmo conc. (freg. de Miradeses);— Minho: «Pedra de Anta», pov. no conc. de Famalicão;— Beira Baixa: conc. de Idanha-a-Nova. — «Vale de Anta», Trás-os-Montes, conc. de Bragança (freg. de Oleiros da Vareia) e de Chaves;— Beira Alta, conc. de Mangualde (Cunha Baixa);— Alentejo, conc. de Crato (Gáfete) e de Niza.

«Antadega» (?) — Douro Litoral, conc. de Fafe (Paços).

«Antanol» (?) — Beira Litoral, conc. de Coimbra.

«Antela» — Douro Litoral, nos concelhos de Bouças (Lavra) e Penafiel;— Beira Alta, conc. de Aguiar da Beira.

«Antelas» — Conc. de Oliveira de Frades (Pinheiro de Lafões).

«Antemil» (?) — Douro Litoral, conc. de Cinfães (Piães).

«Antinha» — Beira Baixa, conc. de Idanha-a-Nova.

<sup>(27)</sup> «Antas», «Vale das Antas», «Pinhal das Antas»; no cerco do Porto, em 1833, havia aqui o reduto do «Pinhal das Antas» ou das «Antas»: o seu defensor, pelas tropas sitiadas, por ocasião do assalto dos sitiantes no dia 24 de Março desse ano, Silva Pereira, foi agraciado com o título de Barão e depois Conde das Antas; cfr. Satúrio Pires, *Os Caçadores no Exército de D. Miguel*, Porto, 1918, p. 288 e ss.

<sup>(28)</sup> Leite de Vasconcellos cita, da *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, de J. Maria Baptista, os topónimos: «Anta-Cal», «Anta-Cova», «Antas de Baixo», «Antas de Cima», «Antas do Meio», «Arca-Vila» (ou da Vila), «Arcela» e «Arcelas». (*Religiões*, I, p. 265, n. 1).

«Antinhas» — Trás-os-Montes: lugar no conc. de Mirandela (Vale de Conde).

«Anto» — Será masc. aument. de «Anta»?

«Antões» — Beira Litoral, conc. de Pombal: «Antões da Capela» e «Antões d'Além».

«Antoíinha» — Minho: conc. de Braga.

«Arca» — *a*) nomes simples: no singular: — Trás-os-Montes: pov. nos conc. de Macedo de Cavaleiros e Mogadouro (Estevais); — Minho: conc. de Guimarães, Ponte de Lima, Póvoa de Lanhoso e Viana do Castelo; — Beira Alta: conc. de Castro Daire, Moimenta da Beira, Penedono; — Beira Litoral: conc. de Sever do Vouga; — *b*) nomes compostos: — Trás-os-Montes: «Chão de Arca» (S. Pedro de Sarracenos), «Cul d'Arca» (Lebução) e «Pena de Arca» (Fontes Barrosas), conc. de Bragança; «Vale da Arca», nos conc. de Miranda do Douro (Caçarelhos), e de Mirandela (Vale de Conde); — Beira Alta: — «Campo da Arca», no conc. de Vouzela (Macieira de Cambra), «Covelo de Arca», «Paranho de Arca», «Vale de Arca» (Arcozelo), no conc. de Oliveira de Frades (Arca), «Espírito Santo de Arca», id., de invocação cristã; — o Dr. Leite de Vasconcellos menciona: «Arca-Vila» e «Cotovelo de Arca» (29).

«Arcas» — *a*) nomes simples: — Trás-os-Montes, conc. de Mogadouro (Estevais) e de Macedo de Cavaleiros; — Minho: conc. de Guimarães (Pinheiro), de Póvoa de Lanhoso (Rendufinho) e Viana do Castelo (Geraz de Lima e Punhe); — Douro Litoral: conc. de Lousada (Boim); — Beira Alta: conc. de Castro Daire (Mões) e de Moimenta da Beira (Sever); — Beira Litoral: conc. de Sever do Vouga (Talhadas); — *b*) nomes compostos: — Trás-os-Montes: «Vale de Arcas», conc. de Macedo de Cavaleiros (Amendoeira) e Vila Flor (Ribeirinha e Nabo); «Fraga das Arcas», nos de Moncorvo (Carviçais) e Mogadouro (Medal); — Beira Alta: «Vale de Arcas», conc. de Oliveira de Frades.

«Arcã» — Trás-os-Montes: conc. de Sabrosa (Riba Pinhão) e Carrazeda de Anciães (Arnal e Parambos); — Minho: conc. de Vila Verde (Turiz); — Douro Litoral: Conc. de Estarreja (Avanca).

(29) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, vol. I, pág. 265, n. 1.

«Arcaíña» — Beira Alta: conc. de Tondela (Bêsteiros: Routar).

«Arcal» — Trás-os-Montes: conc. de Freixo de Espada à Cinta (Fornos) e Macedo de Cavaleiros (Vinhas).

«Arcaís» — Trás-os-Montes: conc. de Mondim de Basto (Atei).

«Arcanha» — Trás-os-Montes: no conc. de Carrazeda de Ançiães, e «Vale da Arcanha» no de Mirandela (Vale de Conde).

«Arcão» — Trás-os-Montes: conc. de Macedo de Cavaleiros (Vale de Prados); — Minho e Beira Alta: em localização indeterminada.

«Arcela» — Douro Litoral: conc. de Cinfães (Gondelães e Nogueira) e Paredes.

«Arcelas» — Minho: conc. de Braga (Lamações) e de Guimarães (Azurém).

«Arcelos» (?) — Minho: conc. de Ponte de Lima (Mato).

«Arquinha» — Trás-os-Montes: conc. de Carrazeda de Ançiães (Samorinha); — «Penedo Darquinha», no de Bragança (Pardinha Nova).

«Cova» — a indicar lugar de referência: — Trás-os-Montes: «Cova da Moura», conc. de Carrazeda de Ançiães (Vilarinho da Castanheira); — Beira Alta: «Cova da Moura» nos conc. de Viseu, Nelas (Senhorim), Vouzela; — «Cova dos Mouros», no de Nelas; — Alto Alentejo: «Cova dos Galhardos» (também conhecida por «Casa dos Galhardos»), no conc. de Castelo de Vide. — Outros topónimos de «Cova» dos Dicionários Corográficos podem relacionar-se ou não com «Antas»; também os há referenciados a grutas e fossas.

«Covelo» — Beira Alta: «Covelo de Arca», conc. de Oliveira de Frades.

«Fundo» — Trás-os-Montes: «Fundo das Arcas» é nome de um campo de «Antas» em Carrazedo do Alvão, conc. de Vila Pouca de Aguiar.

«Lagares» — Trás-os-Montes: «Fonte dos Lagares», no conc. de Mogadouro (Remondes) e «Regato dos Lagares», no de Moncorvo (Castedo).

«Madorra» — Minho: — conc. de Barcelos (Aldreu), Barcelos (Fragoso e Ròriz), Paredes de Coura (Castanheira de Coura), Póvoa de Lanhoso (Rendufinho), Valença (Silva), Viana do Castelo (Deão, Forjais (?) e Perre), e Vila Nova de Cerveira (Cornes). (Ver «Medorra» e «Modorra»).

«Mamôa», «Mámoa» e «Mâmoa» — Trás-os-Montes: «Mamoa» — conc. de Moncorvo (Valadares); — Minho: conc. de Barcelos (Carapeços e Fragoso), Famalicão (Mouquim), Ponte da Barca (Grovelos), e Viana do Castelo (Mujães); — Douro Litoral: conc. de Santo Tirso (Carreira); — Beira Litoral: conc. da Feira (Milheirós de Poiães). — «Mâmoa»: Douro Litoral, conc. de Estarreja ((Veiros).

«Medorra» — Trás-os-Montes: conc. de Mogadouro (Vilar de Rei); — Minho: conc. de Viana do Castelo (Perre). (Ver «Madorra» e «Modorra»).

«Modorra» — Trás-os-Montes: conc. de Bragança (Castro de Avelãs, Grijó e Samil), e Macedo de Cavaleiros (Vale Benfeito); — Minho: conc. de Viana do Castelo (Moreira de Geraz do Lima).

«Moimenta» — *a*) nomes simples: Trás-os-Montes: conc. de Vinhais; — Minho: conc. de Braga (Priscos) e Terras do Bouro; — Douro Litoral: conc. de Cinfães (mais conhecida a pov. por «Moimenta do Douro») e Louzada (Aveleda); — Beira Alta: conc. de Castro Daire (Cabril), e Viseu (France); — Beira Baixa: conc. de Gouveia; — Beira Litoral: conc. de Castelo de Paiva (Fornos) e Coimbra (Sousela). — Que monumentos se relacionarão com o nome tópico? — *b*) Nomes compostos: — Minho: «Moimenta Velha», conc. de Terras do Bouro (Moimenta); — Douro Litoral: «Moimenta do Douro» (também simplesmente «Moimenta»), conc. de Cinfães; — Beira Alta: «Moimenta da Beira»; «Moimenta de Macieira», conc. de Mangualde; — Beira Baixa: «Moimenta da Serra», conc. de Gouveia (também simplesmente «Moimenta»).

«Moimentinha» — Beira Alta, conc. de Lamego (Cepões) e «Moimentinha de Cima», no mesmo conc. (id.); — Beira Baixa, «Moimentinha», conc. de Trancoso.

«Orca» — Beira Alta: conc. de Vouzela: depressão entre Figueiredo das Donas e Monsanto (A. Girão); — Beira Baixa: conc. do Fundão <sup>(30)</sup>.

«Pedra de Anta» — Minho: conc. de Famalicão (Vilarinho das Cambas) <sup>(31)</sup>.

<sup>(30)</sup> «Orca das Orcas» é o nome de uma «Orca» ou «Anta» da Beira-Alta: Leite de Vasconcellos, *Religiões*, I, 258.

<sup>(31)</sup> I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, vol. II, Porto, 1944: inclui os topónimos de «Arcas» (p. 76), «Anta» e «Antas» (id.), «Orca» (p. 401) e «Mamôa» (p. 76).

## IV

Muitos dos nomes populares das «Antas» andam relacionados com entidades misteriosas, que criaram mitos mais ou menos generalizados. Outros, porque foram cristianizados os vestígios dos velhos cultos pagãos, associaram-se a invocações religiosas, correspondentes a templos, nichos, alminhas, quando a própria capela ou o sinal cristão se não ergueram sobre monumentos e a par deles, ou, o que ainda é mais completo nesta progressão espiritual, se não transformou a «Anta» em Capela.

1) Os Mouros, a quem são atribuídos pelo povo todos os monumentos arcaicos e suas ruínas, construíram as «Antas» e vivem nelas; são principalmente as Mouras Encantadas as habitantes: até, segundo a lenda, acarretaram as pedras à cabeça para a construção das «Antas», como para a de pontes de misterioso construtor, edifícios «velhos», castelos, e para colocação de penedos, «pedrões», etc.; também levaram para a Citânia de Briteiros a «Pedra Formosa»; sempre a lenda lhes põe a roca à cinta, para irem fiando, a aturar o tempo e a canseira, no pesado transporte das pedras pelos caminhos. O que se atribui às grutas, lapas abertas na rocha, covas fundas, e aos penedos encastelados, às «pedras balouçantes» ou «bulideiras», repete-se no antro dos dolmens: as Mouras ou os Mouros guardam aí tesouros encantados, de riquezas fabulosas, que os devotos de S. Cipriano ou já libertos dele procuram afanosamente com pás e picaretas. Os nomes destes monumentos o denunciam:

«Arca»	}	«da Moura», «do Mouro», «das Mouras» ou «dos Mouros», «de Mamouros» (Campia: conc. de Vouzela).
«Casa»		
«Cova»		
«Forno»		
«Fundo»		
«Lagar»		
«Pala»		
«Pedra»		
«Sepultura»		

2) «Orca» é um nome popular das «Antas»; de nome comum, transformou-se em nome próprio, com dois significados: — 1.º o monumento em si, que se transformou no topónimo designativo da existência da «Orca»; — 2.º por metonímia, a correlação do continente com o conteúdo, passando assim a «Orca» e as «Orcas» a representarem, na vez das Mouras e talvez por assimilação de mitos, as habitantes da «Orca»: por isso, nos surgem a «Lapa da Orca» ou «Lapa d'Orca», a «Pedra d'Orca», a «Casa da Orca» e «Casa de Orca» ou «Casa d'Orca», e finalmente a «Orca das Orcas».

3) O Diabo, sob o nome popular de «Galhardo», e os diabos, — os «galhardos», relacionaram-se com as «Antas»; Mouros, Orcas e Diabos, correspondem cá, entre nós, aos gigantes, que vivem nos dolmens franceses.

4) «Santos» de canonização popular, e correspondente invocação, foram sepultados nas «Antas»: — «S. Fraústo» (forma pop. de «Fausto», também usada) ou «S. Fragusto (por associação de «Fraga»: o Santo da «Fraga»), apareceu junto de uma «Anta», próximo da vila de Torrão (Alentejo), que, por isso, foi chamada «Lapa» e «Sepultura de S. Fraústo» ou «Fragusto»; — próximo do Cabo de Sines, arribou por mar o cadáver de «S. Torpes», e foi colocado numa anta, facto que lhe originou o nome de «Sepultura de S. Torpes». Sobre a mesa da «Lapa de S. Fraústo» foi construído um nicho, para a imagem dele, cujos restos Leite de Vasconcelos viu <sup>(32)</sup>.

5) A «cristianização» dos lugares, em que se apresentavam vestígios dos cultos pagãos, e se continuavam determinadas práticas de superstição e magia, provocou a purificação e a construção de símbolos, memórias e santuários da Igreja Católica; como nas ruínas dos castros, também, próximo de «Antas», no campo em que estão e mesmo sobre elas ou dentro delas, surgiram as fundações e suas invocações celestes. Uma igreja, edificada talvez sobre uma «Mamoa», num campo de dez monumentos, se não ainda outros encobertos, recebeu por seu orago o «Senhor do Pedrão»; a «Mamoinha» ou «Antela» mais próxima, por seu turno, recebeu da igreja o nome de «Antela da Mamoinha do Senhor do Pedrão» (Torredeita, conc. de Viseu); não longe da igreja matriz de «Espírito Santo de Arca» há uma «Anta» grande, a «Arca» de que procede o determinativo da invocação

(32) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, vol. I, págs. 21-23 e 290.

teológica (conc. de Oliveira de Frades): reciprocamente, a «Anta» recebeu o nome de «Anta» ou «Mamo de Espírito Santo de Arca»<sup>(33)</sup>.

Junto da «Lapa» ou «Sepultura de S. Fraústo», no Torrão, há um templo em ruínas, datado de 1645<sup>(34)</sup>; sobre a «Anta» vêem-se os restos do nicho, onde esteve a imagem do Santo. Ao lado da capela de Nossa Senhora da Conceição, à saída de Estremoz, já fora de portas, pela estrada para Sousel, há os restos de uma «Anta» (o lugar tem o nome de «Senhora da Conceição»). É possível que a povoação de «Antões da Capela», no concelho de Pombal, tenha o topónimo derivado de factos idênticos aos enunciados; outro topónimo do mesmo concelho faz supor que tenha havido mais antas grandes: «Antões d'Além»; ainda mais avulta o topónimo de «Lagar da Capela de S. Martinho», em Trás-os-Montes, conc. de Moncorvo (Adeganha), onde há uma capela, dedicada a S. Martinho, junto de uma «Anta» (local «Lagar»).

A cristianização foi além da fundação de capelas junto das «Antas»; transformou-as em templos a elas próprias: é conhecido o exemplo da «Capela de S. Dinis», hoje profanada, nas proximidades de Pavia; o mesmo aconteceu com as grutas, algumas das quais com vestígios de ocupação pre-histórica (a de «Nossa Senhora da Rocha», em Carnaxide, conc. de Oeiras), outras de que se não apuraram (a de «Nossa Senhora da Lapa», em Quintela, conc. de Cernancelhe).

Lendas envolvem as «Antas» na imaginação do povo. Muitas, consoante ao que já se observou atrás, estão habitadas por «Mouros» e «Mouras»; aí têm eles refúgio, e guardam os tesouros encantados, que um dia os fugitivos, vencidos pelos soldados cristãos, lhes deixaram, para no regresso poderem recuperar. Uma «Anta» da Herdade da Torre, próximo de Avis (Alentejo), é defendida por um touro possante, que arremete contra quem se aproxima a profanar o remanso da Moura, e persegue-o para longe. Os nomes populares, dados a muitas das «Antas», reflectem a crença e fixaram-se na Toponímia, como se viu já. Às Mouras correspondem, noutros lugares da Beira, as misteriosas «Orcas», vagas personagens a que nenhuma

---

(33) A. de Amorim Girão, *Antiguidades Pre-Históricas de Lafões*, págs. 31, 43 e 56.

(34) Leite de Vasconcellos, *Religiões*, vol. I, p. 290, n. 1.



crença anda ligada, além da da sua existência nesses monumentos, por serem apenas consequência de um caso regional ou local de «nomen-numen».

No concelho de Vouzela (Beira Alta), reuniam-se os ladrões junto talvez de uma anta ou dentro dela, para repartirem a presa e celebrarem com festins os resultados dos assaltos: chamou-se, por esta razão, «Mesa dos Ladrões»<sup>(35)</sup>; se foi na verdade uma Anta, o que é de todo provável, está destruída e desapareceu<sup>(36)</sup>.

Fora das alusões da Mourama<sup>(37)</sup>, e sem referências sequer a ela, revelam-se em outras «Antas» vestígios de arcaicos cultos pagãos; apresentam-se de duas formas:— uma de sentido agrícola, simultaneamente propiciatório e divinatório;— outra de utilização divinatória também, mas casamenteira ou erótica, em prática de rito de fricção e escorregamento.

(35) A. Amorim Girão, *Antiguidades... de Lafões*, p. 55.

(36) Devem incluir-se nestas formas de cristianização as «Alminhas», que foram colocadas diante de uma anta com mamôa em Vale de Ruivo (conc. de Vouzela), entre Travassós e Antelas; também não é de excluir o nome de «Ladeira da Santa», que tem o caminho a cujo lado estão as «Alminhas». A. de Amorim Girão, *Antiguidades... de Lafões*, p. 34.

(37) Larga influência deixaram os Mouros na Toponímia de Portugal: «Moura» (vila do Baixo-Alentejo) e povoações nos conc. de Guimarães, Marco de Canaveses, Mortágua e Oliveira do Hospital (respectivamente nas freg. de Selho, Folhada, Tresoi e Avô); «Mouras», nos conc. de Arouca (freg. de Santa Eulália) e Penafiel (Luzim); «Mouraria» (Caldas da Rainha, freg. de Fornada); «Mourato» (conc. de Lagos, freg. de Odiáxere); «Mouratos» (conc. de Leiria, fregs. de Batalha e Parceiros); «Mourinha» (conc. de Barcelos, freg. de Fragoso; conc. de Guimarães, freg. de Lobeira; conc. de Santo Tirso, freg. de Negrelos); «Mourinho» (conc. de Águeda, freg. de Trofa; conc. de Lousada, freg. de Aveleda; conc. de Peso da Régua, freg. de Fontelas); «Mourinhos» (conc. de Estremoz, freg. da Glória); «Mourio» (conc. de Macieira de Cambra, freg. de Castelões); «Mourisca» (conc. de Arcos de Valdevez, freg. de Portela; conc. de Braga, freg. de Gualter; conc. de Fafe, freg. de Estorãos; conc. de Felgueiras, freg. de Friande); «Mouriscas de Baixo» (conc. de Pombal, freg. de «Mata Mourisca»); «Mouriscas» (conc. de Abrantes); «Mourisco» (conc. de Amares, freg. de Goães; conc. de Felgueiras, freg. de S. Jorge de Vizela; conc. de Sertã, freg. do Castelo); «Mouro» (conc. de Lousada, freg. de Barros; conc. de Vila Verde, freg. de Caíde do Rei), etc. E nomes compostos: «Moura Morta» (conc. de Castro Daire; conc. de Peso da Régua; conc. de Castro Daire; conc. de Poiães, freg. de Lavegadas); «Cabeça de Mouro» (conc. de Moncorvo); «Eiras dos Mouros» (conc. de Monção); «Fonte da Moura» (conc. de Bouças e de Lamego); «Fonte do Mouro» (conc. de Faro, freg. de Alportel; conc. de Ribeira de Pena); «Lamas de Mouro» (conc. de Melgaço); «Mata Mourisca» (conc. de Pombal); «Medas de Mouro» (conc. de Cinfães, freg. de Piães); «Ponte de Mouro» (conc. de Monsão, freg. de Ceivães); «Rio de Mouro» (conc. de Sintra); «Vale de Mouro» (conc. de Salvaterra de Magos, freg. de Muge; conc. de Trancoso); «Vale de Mouros» (conc. de Marco de Canaveses, freg. de Paredes de Viadores); «Vila Moura» (conc. de Baião, freg. de Grilo); «Vila de Mouros» (conc. de Cinfães, freg. de Tendais), etc.

Da primeira forma, cite-se o exemplo de uma anta, próximo de Pinhel (Beira Baixa), onde se queimam as primícias dos frutos do ano; fase propiciatória, pelo sacrifício naturalista da queima das colheitas, devidas ao voto de propiciação; depois, tira-se da direcção do fumo o oráculo das colheitas agrícolas, nas terras a que pertenceram as primícias cremadas; conforme a direcção seguida, a obliquar à direita ou à esquerda, o ano é bom ou mau. Vestígios equivalentes podem notar-se no costume da queima das «dízimas», junto de uma anta em Ruivós, concelho de Sabugal (Beira Beixa).

Da segunda prática, bem perto de Lisboa está um exemplo, que foi muito conhecido e usado na região, mas hoje só furtivamente e, no lugar, por brincadeira se repete: a mesa inclinada de uma das Antas de Belas (conc. de Sintra) serviu de escorregamento para provas de experiência e adivinhação de namorados ou pretendentes. Assim, as «Antas» ficavam a par, neste rito de escorregamento, com os penedos conhecidos, onde ele se praticou e algures se pratica («Penedos dos Casamentos»).

Ainda, por utilidade prática, as «Antas» servem de «abrigo» casual, provisório ou permanente a homens, alfaias e gado.

Utilizam-nas de caminho os caçadores e os viandantes, surpreendidos por chuvas e trovoadas. Recolhem-se nelas os pastores, de dia ou de noite, para resguardo e descanso, independentemente de qualquer arranjo; conhecem-lhes o local e aproveitam-nas, quando por lá vigiam o gado no seu nomadismo pastoril; dão-lhes permanência os que pairam pela região em volta: guarita de repouso e vigia, posto de socorro do gado, dispensa de víveres.

Criadores de gado e pastores utilizam «Antas» para abrigo de gado e resguardo de crias: em Vilarinho da Castanheira (conc. de Carrazeda de Ansiães), a «Casa d'Orca», de Fornos de Algodres, por exemplo, entre tantas, para abrigo do gado; e em Ruivós (conc. de Sabugal), na Tapada das Cruzes, para redil de cabritos. E adaptam-nas a estábulo permanente, como aconteceu com uma das vizinhanças de Fiães, no conc. de Nelas (Beira Alta) e a outra no conc. de Avis (Alto Alentejo). Semelhantemente se dá com os produtos e alfaias agrícolas: a «Anta das Peras Moças» (e já o nome sugere aplicações de recato de fruta em antro fresco), fica entre a Guarda e Pinhel (Beira Baixa), e foi adaptada a guarda da utensilagem agrícola. Nestes casos de aproveitamento, as «Antas» ficam bem tapadas por

aplicações externas, que todo o interior é utilizável, e são providas de portas de madeira.

Não verifiquei o facto nas limitações dos velhos concelhos rurais da Idade Média; poderão ter servido de marcos de referência e divisão de área municipal as «Antas» existentes no percurso; pode-se talvez, em alguns casos, pelo menos, verificar no terreno onde as actuais, com o nome popular de «Marcas» e «Marcos», foram para tal fim utilizados. O «Marco da Mata», nome popular de uma anta na freguesia de Campia, no conc. beirão de Vouzela, embora ao Dr. Amorim Girão faltasse notícia de tal utilidade antiga <sup>(38)</sup>, pode colocar-se a par das «Orcas Grandes» dos Juncais e da Queiriga (Vila Nova de Paiva), e das de Meixedo e Montalegre (conc. deste nome, em Trás-os-Montes), que têm marcas visíveis nos esteios <sup>(39)</sup>.

Ao referir-se às «Mamoas», Viterbo (*Elucidario*) afirma: «Desde o IX até o Seculo XII. se escreverão em Portugal e Hespanha muitos Doc., em que as *Mamóas* ou *Mamúas* se dizem Mamólas, segundo o Latim daquelles tempos; declarando-se em alguns que o mesmo são *Mamóas* que *Arcas* . . . E tais eram as *Arcas*, ou montes de terra com que os nossos maiores algumas vezes dividirão os territorios . . .» (Vid. «*Mamôa*») <sup>(40)</sup>.

\*

\*            \*

#### NOTAS FINAIS:

«Altar» de Vale das Fachas: Amorim Girão, «Monumentos pre-historicos do concelho de Viseu», em *O Archeologo Português*, vol. XXV, 1921 & 1922, pág. 187.

«Antinha» (pronúncia popular (intinha)) em nome de courela, Alter do Chão: Félix Alves Pereira, *O Arch. Português*, vol. XVII, Lisboa, 1912, pág. 221 e 222.

<sup>(38)</sup> A. de Amorim Girão, *Antiguidades . . . de Lafões*, p. 46.

<sup>(39)</sup> Leite de Vasconcellos, *Religiões*, I, p. 288-291.

<sup>(40)</sup> Já composto este artigo, tive conhecimento de que em Avis (Alto Alentejo) chamavam «Pedra Santa» a uma Anta: Pombinho Júnior, «Retalhos de um Vocabulário», em *Revista Lusitana*, vol. XXXVII, pág. 107.

«Antões»: «poderá ser plural de nome de pessoa» em Herdade dos Antões, no concelho de Nisa: Leite de Vasconcelos: *O Arch. Português*, vol. XVII, pág. 275.

«Arca» — «Arcas»: Carrazedo do Alvão, concelho de Vila Pouca de Aguiar: *O Arch. Português*, vol. XXII, 1917, pág. 160. «Chão das Arcas», concelho de Arcos de Valdevez: *O Arch. Português*, vol. VII, 1903, pág. 197.

«Casa da Moira»: Anta da Candieira, Redondo: Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, vol. II, Lisboa, 1927, págs. 184-185.

«Casa d'Orca»: Carrapito e Pena Verde (Aguiar da Beira), Cortiçô (Algodres), Lamas e Castendo, etc. — «Orquinha» da «Fraga das Antas» (Queiriga). *O Arch. Port.*, vol. XXII, pág. 142, 307, etc.

«Casinola» (aproveitamento das antas): como estivesse tombada a pedra do chapéu ou mesa da anta de Montabrão (Belas), os pastores trataram de adaptar a anta a abrigo propício: com pedras miúdas fecharam as fendas e aproveitaram o aconchego. Leite de Vasconcelos, *O Arch. Port.*, vol. XXII, pág. 169.

«Forno do Mouro»: Beira Alta: Leite de Vasconcelos, *O Arch. Port.* vol. XXII, pág. 135.

«Lapa do Repilau»: na Lobagueira, Couto de Cima (Conc.º de Viseu), Amorim Girão: *O Arch. Port.*, vol. XXVI, pág. 283.

«Madorra» em «Madôrras» e «Madôrnas»: Perafita, (Alijó): *O Arch. Port.*, vol. XXII, pág. 158, n.º 1.

«Mesa dos ladrões»: em Vale d'Ovos (Chão de Maças: Ourém): anta? A mesa seria a cobertura da anta; aí os ladrões repartiam as presas. *O Arch. Port.*, vol. V, 1899-1900, págs. 107-110.

«Morouço» (na forma popular «maroiço»), na Lobagueira, sítio da Queimada, conc.º de Viseu: Amorim Girão, *O Arch. Port.*, vol. XXVI, 1923 & 1924, pág. 284.

«Pedra Longa»: anta revelada no topónimo? Serpa (Aldeia Nova): Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, vol. II, pág. 225.

«S. Torpes» (Anta de): Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, vol. II, pág. 105 e ss.

«Toutiço» em Montalegre: Leite de Vasconcelos, *O Arch. Port.*, vol. XXIV, pág. 58. — «Toutiço da Veiga»: com cruces de sinalização dos termos de Montalegre e Meixêdo: id. pág. 59, n.º 2.

Anta a servir de «ara divinatória»: acrescente-se ao exemplo de Ruivós (Sabugal), que foi apontado no texto (§ IV), outro de Soutelo (conc. de Vila Verde); o costume antigo deste explicará os outros similares; é também a prova das dízimas pela queima dos frutos sobre a anta; se o fumo subia, a dízima estava bem feita; se espalhava, fôra mal, e então repetiam-na. *O Arch. Port.*, vol. VII, 1903, págs. 270-271.



Anta do Vale de Pereiro (Azinhal: Sibórro).

